A Revelação e as Reações da Rede de Apoio na Violência Sexual Infantil (VS) contra Meninos¹

Reveal and Reactions of the Support Network in Child Sexual Violence (SV) against Boys

Raquel Lourenço de Andrade Inagaki² & Luana Elayne Cunha de Souza²

RESUMO: A Violência Sexual Infantil (VS) é um fenômeno de relevância em todo o mundo e um sério problema de saúde pública a ser enfrentado. É permeada por questões relacionadas a gênero e orientação sexual que reverberam nas suas consequências e experiências, tanto na vida dos sobreviventes, como na vida dos agressores. Nesse sentido, o presente estudo teve por analisar as formas de revelação de homens sobreviventes de VS e as reações da rede de apoio em função do gênero do agressor. Para isso foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 11 homens adultos que foram vítimas de violência sexual na infância. Tais entrevistas foram analisadas de acordo com a análise de conteúdo. Os resultados mostraram um tempo médio de 19 anos para realizar a revelação, e diferenças em relação ao gênero do agressor, tanto nas formas de revelação, como nas reações dos pares à revelação. Espera-se que os resultados dessa pesquisa possam contribuir com a literatura da área, e com a elaboração e o aprimoramento de políticas públicas, tanto para a prevenção, quanto para o acompanhamento em rede de crianças sobreviventes de violência sexual.

Palavras-chave: Violência sexual infantil; meninos sobreviventes; ofensa sexual; gênero do agressor.

ABSTRACT: Child sexual violence is a very relevant phenomenon throughout the world and a serious public health problem to be faced. It is permeated by issues of gender and sexuality that reverberate in its consequences and experiences, both in the lives of survivors and in the lives of aggressors. In this sense, the objective of this study was to analyze the forms of disclosure of male survivors of SV and the reactions of the support network depending on the gender of the aggressor. To this end, semi-structured interviews were carried out with 11 adult men survivors of sexual violence in childhood. Such interviews were analysed according to the content analysis. The results showed an average time of 19 years to make the reveal, and differences in relation to the gender of the aggressor, both in the forms of disclosure, and in the peers' reactions to the reveal. It is expected that the results of this

¹ A pesquisa foi financiada pela Fundação de Apoio a Pesquisa do Distrito Federal - FAPDF

² Centro Universitário de Brasília (CEUB)

research can contribute to the literature in the area, and to the development and improvement of public policies, both for prevention and monitoring of child survivors of sexual violence.

Keywords: Child sexual violence; boys survivors; sexual offense; gender of the aggressor.

Introdução

A Violência Sexual Infantil (VS) é um fenômeno evidenciado como problema social, uma vez que atinge todas as camadas da sociedade, independentemente de raça, classe socioeconômica ou cultura. É um problema de violação de direitos e de saúde pública, de forma que deve ser do interesse da família, da sociedade e do Estado combatê-lo, considerando o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 1990).

As crianças e os adolescentes são compreendidos como sujeitos em desenvolvimento, e por isso devem ter seus direitos fundamentais assegurados pelas instituições mencionadas acima, com absoluta prioridade. Portanto, a família, a comunidade, a sociedade em geral e o poder público devem prover a proteção integral à criança e a o adolescente (Brasil, 1990). São eles: o direito à vida, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade, à convivência familiar e comunitária, à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer.

A criança/adolescente que sofre algum tipo de violência, seja sexual ou de qualquer outra ordem, já teve os seus direitos violados. Assim, cabe à Justiça, à Sociedade, à Família e ao Estado fazer cumprir a lei no que tange ao artigo 5º, parágrafo primeiro do ECA: “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.” (Brasil, 1990).

De acordo com o Painel de Dados da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania)³, no Brasil, no ano de 2025, até o início do mês de maio, foram realizadas 23.314 notificações de violações sexuais contra a criança e o adolescente, e registradas 10.805 denúncias de violência sexual infantil. Esses dados refletem uma triste realidade, e apontam para a necessidade de que sejam tomadas ainda mais providências em relação à prevenção e proteção contra este tipo de violência.

No que diz respeito à VS cometida contra meninos, há um aspecto ímpar: o silenciamento, que pode ser influenciado por alguns fatores. Em um estudo feito no Rio Grande do Sul, foram entrevistados quatro meninos que sofreram violência sexual na infância e que foram encaminhados para tratamento psicossocial e/ou psicoterapêutico, e quatro profissionais que atuaram no acompanhamento psicossocial e/ou psicoterapêutico de garotos vítimas de VS. Os profissionais entrevistados mencionaram ter atendido crianças e adolescentes que não perceberam a situação como configurando uma violência, e adolescentes vitimizados por adultos, que acreditaram se tratar apenas de um “jogo sexualizado” (Hohendorff, Habigzang & Koller, 2017).

Além disso, os garotos entrevistados mencionaram como um fator contribuinte para a manutenção do silenciamento o medo de que outras pessoas ficassem sabendo do que houve com eles. Outros fatores como: a descrença das pessoas, o segredo de família, a punição familiar, as ameaças do agressor também foram elencadas. Um destes meninos mencionou que, ao se deparar com o descrédito dado por sua mãe à revelação, ele chegou a dizer que era tudo mentira, que não foi violentado (Hohendorff, Habigzang, et al., 2017).

Os profissionais entrevistados afirmaram que alguns aspectos do silenciamento na VS contra meninos divergem da VS contra meninas. Primeiro, que o relato masculino tende a ser mais desacreditado, mesmo em situações análogas. Segundo, que as mães,

³ <https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/painel-de-dados/2025>. Último acesso em 01/05/2025.

após a revelação, tendem a punir mais os meninos vítimas do que as meninas, sob a crença de que os meninos poderiam tê-lo impedido, responsabilizando-os pelo incidente. Essa crença materna é errônea pelos motivos anteriormente abordados, que podem ser corroborados pela fala de um dos meninos do estudo: “Depois que ele fez isso comigo eu tentei impedir, mas não consegui...” (Hohendorff, Habigzang, et al., 2017, p. 57).

Os meninos, portanto, tendem menos a revelar durante a infância (Cashmore & Shackel, 2014). Ademais, muito do que se conhece sobre o impacto da VS em meninos se deve aos autorrelatos de homens adultos, quando a acuracidade das memórias sobre a violência pode ter sido prejudicada; apesar disso, a validade desses relatos e dos dados obtidos por meio deles não é anulada (Hardt & Rutter, 2004).

Uma pesquisa buscou avaliar as diferenças de gênero no silenciamento de sobreviventes de VS. Para isso, foram entrevistados, presencial e por telefone, 296 participantes, sendo 145 homens e 151 mulheres. Os resultados encontrados apontaram para a tendência de os homens sobreviventes se sentirem mais silenciados em comparação às mulheres sobreviventes. Além do mais, uma boa parte dos homens entrevistados relatou ter demorado mais de 20 anos para revelar, o que é um tempo considerável entre a ocorrência da VS e a revelação (O’Leary & Barber, 2008).

As evidências mostram que a predominância de casos de VS é intrafamiliar. Isso quer dizer que a criança/o adolescente foi vitimizado por um familiar (pai, mãe, padrasto, madrasta, tio, avô, etc.) ou por alguém que é conhecido da família (Ferreira, Bortoli, Pexemachado, Saggese & Veras, 2023; Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2023; Miranda, Fernandes, Melo & Meireles, 2020). Essa é uma forma de violência sexual em que a notificação se torna muito mais difícil (Cunha et al., 2023), porque em geral dependerá de terceiros, alheios à família, identificar e notificar.

Adicionalmente, o gênero da criança/do adolescente pode influenciar em diversos níveis em relação à VS, sendo eles: o risco de ser sexualmente violentado; por quem poderá ser violentado; a natureza da violência e suas circunstâncias; optar pela quebra do segredo e o processo de revelação, bem como possibilidade de receber suporte e acompanhamento. A sociedade e os próprios garotos sobreviventes percebem a VS como menos violenta quando cometida por uma mulher, não atribuindo a ela a seriedade necessária (Cashmore e Shackel; 2014). Estes, além da maior relutância para revelar, são menos acolhidos por suas famílias (Cashmore & Shackel, 2014; Hohendorff, Habigzang, et al., 2017), pelos serviços de proteção e pela sociedade em geral (Cashmore & Shackel, 2014); esses percalços ocorrem, especialmente, nas situações em que a violência foi cometida por uma mulher (Lessa & Mayor, 2021). A desqualificação da violência sexual na qual a agressora é uma mulher e o sobrevivente, um menino está relacionada às concepções de papéis de gênero. É inconcebível que a mulher possa ocupar um lugar de dominação frente ao homem, mesmo que este ainda seja uma criança (Davide, 2016).

À vista disso, não é fácil ter acesso aos dados da VS cometida contra meninos, especialmente pela dificuldade que demonstram de revelar sobre a violência (Hohendorf, Santos & Dell’Aglío, 2015), relacionada aos aspectos culturais e estereótipos de gênero que pressupõem um ideal de masculinidade forte, incapaz de demonstrar fragilidade (Hohendorff, Habigzang & Koller, 2012). Os estudos que buscam especificamente analisar os casos de VS contra meninos no Brasil, em sua maioria, são pesquisas documentais que acessam indiretamente dados sobre suas experiências, por meio de prontuários e fichas de notificação dos dispositivos públicos (Conceição, Costa, Penso & Williams, 2020; Hohendorff, Costa, Habigzang & Koller, 2014; Miranda et al., 2020; Penso, Conceição, Costa, Said & Williams, 2019; Silva, Algeri, Silva, Corrêa, & Silveira, 2021). Outros pesquisadores buscaram o acesso direto às vítimas, realizando estudos de

caso (Oliveira, Câmara & Canavêz, 2021), estudos avaliativos (Kristensen; 1996; Oliveira, 2010) e pesquisas com métodos de intervenção (Hohendorff, Salvador-Silva, Andrade, Habigzang & Koller, 2014).

Igualmente, não são muitos os estudos brasileiros que buscam compreender aspectos referentes aos agressores sexuais. No tocante aos estudos com este foco, a maioria se trata de revisões bibliográficas (Reis, Barros & Cavalcante, 2015; Reis & Cavalcante, 2018; Santos & Mesquita, 2019) e análises documentais feitas com consulta às notificações e aos registros de Núcleos de Atendimento e demais serviços públicos (Brandão, Martins & Reis Marques, 2019; Fonseca, Setubal & Costa, 2019; Sobrosa & Kocourek, 2018), de modo geral, com o intuito de traçar o perfil do agressor ou analisar o risco de reincidência. Poucos estudos focalizam o gênero do agressor, como as pesquisas feitas com mulheres agressoras (Costa et al., 2023; Passarela, Stroher & Costa, 2019; Pinho, 2023), uma temática menos ainda investigada na literatura brasileira.

Em vista disso, percebe-se uma lacuna científica relativa a pesquisas sobre o fenômeno da VS cometida contra meninos que se desdobrem sobre os aspectos quanto ao gênero dos agressores. Assim sendo, esse estudo teve por objetivo analisar as formas de revelação de homens sobreviventes de VS e as reações da rede de apoio em função do gênero do agressor.

Método

Participaram da pesquisa 11 homens maiores de 18 anos que sofreram violência sexual na infância. Desses homens, 6 sofreram violência apenas por agressores homens, 2 apenas por agressoras mulheres e 3 sofreram violência por agressores de ambos os gêneros. A faixa etária variou de 20 a 55 anos. Em sua maioria, os participantes eram heterossexuais (54,54%), casados (54,54%), brancos (45,45%) e protestantes (54,54%). A maior parte possui pós-graduação (45,45%) e é residente do Distrito Federal (81,81%).

Instrumentos

Questionário sociodemográfico. No primeiro momento os participantes foram submetidos a um questionário sociodemográfico pelo Formulários *Google*. Esse questionário continha questões que contemplem a idade, o gênero, a raça, escolaridade, o estado civil, a renda mensal, religião e classe social dos participantes, com o intuito de caracterizá-los.

Roteiro de entrevista semiestruturada. Os participantes foram convidados a responder às questões propostas em um roteiro de entrevista semiestruturada, sendo ele composto por 14 perguntas que tinham por objetivo investigar as nuances da experiência de cada um em relação à violência sofrida, especialmente em função do gênero do agressor. Tais perguntas foram elaboradas amparadas na literatura vigente sobre Violência Sexual Infantil.

Procedimentos Éticos e de Coleta de Dados

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Nº parecer 75988923.0.0000.0023), foi elaborado um material de divulgação com informações sobre a pesquisa e um *link* para inscrição daqueles que se interessassem em participar. O acesso aos participantes foi feito através da estratégia bola de neve, contando com redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *Whatsapp*, através das quais foi divulgado um convite com informações gerais sobre a pesquisa e condições para a participação. Ao realizar o contato com essas pessoas, foi informado sobre a voluntariedade da participação e a garantia de sigilo e anonimato. Os voluntários que participaram da pesquisa leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de acordo com as Resoluções 466/12 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). A presente pesquisa foi desenvolvida considerando os cuidados éticos que devem ser tomados pelo

profissional psicólogo na realização de pesquisas com seres humanos, em consonância com as diretrizes da Resolução do Conselho Federal de Psicologia Nº 016/2000.

Análise de Dados

Os dados coletados pelas entrevistas e gravados foram transcritos integralmente e analisados através da Análise de Conteúdo de Bardin (2016), realizada seguindo as seguintes etapas: a) pré-análise; b) análise do material; e c) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Inicialmente, foi feita a leitura flutuante da transcrição da entrevista, o *corpus*. Em seguida, o material foi sintetizado e organizado, sendo estruturado em 2 *corpus* diferentes, um para a análise das formas de revelação e outro para a análise das reações da rede de apoio. Sequencialmente, foi feita a categorização desses *corpus*, realizada mediante a leitura exaustiva deste material. As categorias emergidas, portanto, foram analisadas à luz das perspectivas teóricas sobre Violência Sexual Infantil, meninos sobreviventes e gênero do agressor

Resultados e Discussão

Análise das Formas de Revelação da VS

Ao analisar as formas de revelação de homens sobreviventes de VS em função do gênero do agressor”, foram emergidas 2 categorias e 6 subcategorias, considerando com o que ficou latente na fala dos participantes entrevistados. A primeira categoria, Revelação, possui 4 subcategorias: revelação imediata, revelação para preservar relacionamentos, revelação tardia e revelação para profissionais psicólogos. Já a segunda categoria, Silenciamento, 2 subcategorias: manutenção do silêncio e segredo familiar.

Revelação

Dos 11 homens entrevistados, 8 deles revelaram sobre a violência para seus pares em algum momento da vida. Aqui não foram considerados os participantes que revelaram somente em psicoterapia ou somente na entrevista, pois considera-se que a revelação feita

para profissionais psicólogos tem implicações diferentes da revelação feita para pessoas que convivem com o sobrevivente.

Revelação imediata

Revelar intencionalmente a alguém e a situação de violência ser descoberta pelos responsáveis ou por algum familiar são situações divergentes. Das situações interrompidas de imediato, uma ocorreu através da revelação imediata (Tiago), e a outra ocorreu pelo flagrante da situação de violência (Fábio). Assim, de todos os casos, Tiago foi o mais rápido a realizar a revelação, pois correu para o seu pai imediatamente. Os outros 9 sobreviventes revelaram anos após a ocorrência. Foi considerado o tempo que o sobrevivente levou para revelar desde que a VS se iniciou, e não desde que ela se findou.

Então o que eu me lembro que é muito marcante, é no primeiro momento né, eu tá gostando né, daquilo assim, eu sentia algum prazer naquilo, né. Mas quando ele tentou realmente fazer a penetração, a dor, né, daquilo. E aí ele tentou ainda me segurar, porque eu tava dormindo quando ele começou. Aí eu acordei, aí foi logo quando ele, ele tentou a penetração. Mas depois disso eu lembro que ele né, tentou me acalmar e me segurar ali assim, não forçado né, mas de alguma forma para que eu não saísse dali. É, me persuadir, seria esse o termo né, e aí saí dali e assim, o que... O desespero né, como eu te falei, o meu desespero por conta da dor né, foi realmente pensando no meu irmão, né, mesmo pensando no meu irmão.

(Tiago, 46 anos, heterossexual, casado, agressor homem)

Destaca-se, nesse relato, o comportamento do agressor. Para o agressor sexual é essencial que se mantenha comportamentos com o objetivo de manter a violência acontecendo, e não correr o risco de afastar a criança (Hohendorff & Patias, 2017). Apesar de ter recebido orientação parental acerca disso, Tiago se sentiu confuso nos momentos iniciais da violência. Isso sinaliza que nem sempre a orientação, embora extremamente

necessária, será suficiente para que a criança aja imediatamente, pois ela pode se sentir confusa quanto à natureza daquela interação, sobretudo se essa interação estiver lhe conferindo alguma espécie de prazer que para ela é completamente novo.

Comumente, pais/responsáveis acham que podem confiar em determinadas pessoas para cuidar de seus filhos, acompanhá-los a determinado lugar, deixar com que eles durmam em suas casas, pois acreditam que sabem identificar um agressor sexual. Isso deve ser problematizado principalmente ao se considerar as estatísticas, tendo em conta que a maioria das situações de VS notificadas é intrafamiliar (Ferreira et al., 2023; Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2023; Miranda et al., 2020). Desta maneira, achar que é possível reconhecer um agressor sexual somente pela aparência é uma inferência altamente duvidosa

Revelação para preservar relacionamentos

Quanto à revelação, identificou-se um padrão: vários sobreviventes revelaram sobre a VS visando alcançar a compreensão de seus(as) parceiros(as) em relação a algum aspecto de seus relacionamentos. Destes 9 que revelaram para outras pessoas além da pesquisadora e de profissionais psicólogos, mais da metade revelou para alguém com esse objetivo. Isso não quer dizer que eles revelaram apenas com esse intuito, tendo em vista que alguns participantes contaram sobre a VS para mais de uma pessoa. Sendo assim, 6 dos participantes, em algum momento, revelaram para preservar seus relacionamentos. São eles: Caio, Carlos, Heitor, Fábio, Pedro e Ronaldo.

Heitor sentiu necessidade de falar sobre a violência pelos conflitos no seu relacionamento com sua primeira namorada, que também é sobrevivente de VS. Por isso, em busca de compreensão, falou sobre o que lhe tinha acontecido.

E isso me causou (...) muitos traumas. Tanto é que eu só tive relacionamentos já adulto, me privei da questão de, ah, beijo, ter um relacionamento com a outra

pessoa. Tive relacionamento já com 20 anos, (...) tinha muitas questões relacionadas a isso, inclusive minha ex-namorada (...) acho que foi com ela que eu aprendi a falar mais sobre.

(Heitor, 26 anos, heterossexual, solteiro, agressor homem)

Da mesma forma Ronaldo, em meio aos conflitos conjugais e problemas com pornografia, se viu encurralado e decidiu contar à sua esposa sobre o que lhe ocorreu na infância:

Porque foi essa parte de pornografia, que vai misturando. (...) Então, assim, é uma coisa que eu me culpo demais por isso. Hoje eu me culpo, eu vejo essas coisas. Ela não sabe (a esposa), já soube, uma vez falei pra ela, ela me perdoou, mas acabou acontecendo de novo, não falei mais.

(Ronaldo, 45 anos, heterossexual, casado, agressor homem e mulher)

Existem consequências da VS que afetam os relacionamentos interpessoais. A violência também pode desencadear consequências na saúde mental dos sobreviventes (Conceição et al., 2020; Platt et al., 2018; Teixeira-Filho, Rondini, Silva & Araújo, 2013). Tais consequências devem ser consideradas ao analisar as formas de revelação, pois podem interferir nos relacionamentos destes homens, impactando a convivência com seus pares. Com isso, eles podem se sentir pressionados a falar sobre o ocorrido para serem compreendidos em suas dificuldades. Foi possível observar essa nuance nos casos mencionados.

Então, óbvio que mesmo ele sofrendo também, né? Porque, tipo, assim, ele namorava comigo. A gente ficou 7 anos juntos. E ele sabia das minhas limitações. O que era difícil pra ele, né, também. Porque, assim, não era responsabilidade dele ter que lidar com isso, né?

(Pedro, 31 anos, homossexual, solteiro, agressor homem)

Os homens sobreviventes passam por múltiplas situações angustiantes, resultantes da VS, e isso lhes causa desconforto, desespero e um origina “grito por ajuda”. Revelar, por si só, é extremamente desafiador para eles. Mulheres sobreviventes de VS são mais propensas a falar sobre a VS do que os homens (O’Leary & Barber, 2008), e os homens são menos propensos a revelar sobre a VS na infância (Cashmore & Shackel, 2014). Quando o homem se sente tão angustiado, a ponto de revelar para se sentir compreendido, é porque ele não consegue mais segurar esse “grito por ajuda” em seu peito

Revelação tardia

Todos os participantes, exceto Tiago, levaram anos para revelar. O período descrito aqui levará em consideração o tempo que o sobrevivente levou para revelar desde o início de sua primeira violação. O menor tempo de revelação foi o de Pedro, que demorou 6 anos para revelar. O maior tempo de revelação foi o de Carlos, 42 anos.

Para compreender o tempo que cada participante levou para revelar sobre a violência, foi elaborada a Tabela 1 contendo: o nome fictício de cada sobrevivente, a idade que eles tinham quando ocorreu a primeira violação, a idade que tinham quando revelaram pela primeira vez, o tempo de revelação e a idade atual de cada um. Algumas idades são aproximadas porque os participantes não conseguiram se recordar da idade exata em que alguns eventos ocorreram.

Tabela 1.

Tempo de Revelação

Nome do sobrevivente	Idade que tinha na primeira situação de VS	Idade que tinha quando revelou pela primeira vez	Tempo que levou para revelar	Idade atual
Antônio	5 anos	Entre 20-25 anos	Entre 15-20 anos	30 anos
Caio	6-7 anos	15 anos	Entre 8-9 anos	20 anos
Carlos	7-8 anos	50 anos	Aprox. 42 anos	52 anos
Davi	8 anos	Aprox. 20-21 anos	Entre 12-13 anos	33 anos
Fábio	8 anos	22 anos	14 anos	31 anos
Francisco	8-11 anos	Aprox. 30 anos	Aprox. 21 anos	32 anos
Heitor	6-7 anos	20 anos	Entre 13-14 anos	26 anos
Mateus	8 anos	40 anos	32 anos	55 anos
Pedro	12 anos	18 anos	6 anos	31 anos
Ronaldo	2 anos	34 anos	32 anos	45 anos
Tiago	6 anos	6 anos	0 anos	46 anos

A média de tempo de revelação do total de participantes deste estudo foi de 19,63 anos. As pesquisadoras fizeram o cálculo considerando as idades médias dentro do período que foi citado pelos participantes que não se recordaram a idade exata que tinham (por exemplo: o sobrevivente disse que tinha entre 8 e 11 anos quando foi vitimizado; neste caso, as pesquisadoras consideraram 9 anos).

A crítica aos estudos de autorrelatos retrospectivos (Hardt & Rutter, 2004) é pertinente, pois a memória desses sobreviventes acerca do tempo em que os eventos ocorreram e quanto aos detalhes da violência não é precisa como seria desejável para um estudo mais fidedigno. Todavia, a falha de memória não deve ser analisada apenas sob a perspectiva do lapso temporal. O esquecimento, em situações de VS, torna-se uma defesa, uma válvula de escape das angústias causadas pela violência. Ao menos uma tentativa, pois a dor ainda está lá (Camargo, 2016). Antônio e Fábio, por exemplo, não conseguem lembrar de muita coisa relacionada às suas infâncias. Antônio não se lembra de quase nada em relação à violência, somente do que seu agressor lhe disse após o episódio (“agora você é homossexual”). Fábio não se lembra de quase nada pós-violência.

A minha infância hoje é um total... Um vazio na minha cabeça. Eu só consigo lembrar de coisas do ensino médio pra cá. Eu tenho alguns vultos do fundamental pra antes. Minha cabeça deletou. Deletou. (...) Por exemplo, quando surge alguma situação, talvez eu lembre. Quando alguém vai conversando comigo, eu vou elencando coisas. Talvez eu lembre. Agora, tipo assim... Falar assim, tipo... Eu olho pra trás. Bem, história, história, história, história. É um grande vazio.

(Fábio, 31 anos, heterossexual, casado, agressor homem)

À medida que os homens vão se propondo a falar de fatos e detalhes que ocultaram por muito tempo, eles vão elencando lembranças, detalhes que não se recordavam mais. Para isso, é indispensável que o pesquisador não seja sugestivo em suas perguntas e pontuações, para não interferir nas memórias do sobrevivente, trazendo erro e viés ao seu relato (Hardt & Rutter, 2004).

Adicionalmente, foi possível identificar que os participantes com mais idade (Carlos, Mateus e Ronaldo), que também foram os que sofreram múltiplas vitimizações (sofreram VS por mais de uma pessoa), foram os que mais demoraram a revelar (cerca de 10 a 20 anos a mais que os demais participantes). A média de tempo de revelação destes três foi de 35,3, o que indica que o tempo deles elevou a média do grupo como um todo.

Houve diferenças na revelação no que tange ao gênero dos agressores. Mateus, ao revelar sobre a VS, não mencionou os casos em que as agressoras eram mulheres. Ele não tinha intenção de realizar a revelação, mas em uma conversa com sua mãe, ele acabou fazendo um comentário e se viu sem alternativa.

Eu não tive coragem de contar isso pra ninguém. Mas eu contei pra minha mãe quando eu já tinha, sei lá... Já tinha uns 40 anos. Eu contei isso pra ela. Mas não com a riqueza de detalhes que eu estou contando pra você. Eu só contei que o Hélio mexeu comigo quando eu era criança. Minha mãe, inclusive, ficou

decepcionadíssima. Ela falou assim: “mas como? O Hélio?” Ela ficou decepcionada.

(Mateus, 55 anos, heterossexual, divorciado, agressor homem e agressoras mulheres)

Isso pode estar relacionado à não percepção de Mateus de que os outros dois casos também tratavam de VS, pois, na ocasião da entrevista, ele não sabia se fazia sentido se referir a eles como casos de violência, dizendo que somente o Hélio “abusou dele”. Sinaliza-se que, em sua primeira vitimização por agressora mulher, houve uso da força física, divergindo das demais vitimizações que sofreu. Não obstante, quando menciona o caso, ele não o descreve como sendo uma violência.

E assim, eu não fui convidado a fazer sexo oral. Eu fui obrigado a fazer sexo oral.

Porque ela segurava a minha cabeça e me colocava no meio das pernas dela, né?

E eu tentava sair e ela ficava segurando a minha cabeça ali.

(Mateus, 55 anos, heterossexual, divorciado, agressor homem e agressoras mulheres)

Os demais participantes que foram violentados por mulheres revelaram igualmente. Carlos e Ronaldo, vitimizados pelos dois gêneros, no entanto, tiveram circunstâncias ímpares que os pressionaram a revelar sobre a vitimização por mulher: Carlos por conta da replicação de comportamentos sexuais semelhantes aos que sua agressora (sua irmã) tinha com ele, se sentindo pressionado a contar para sua esposa. Ronaldo se sentiu obrigado a falar porque sua vitimização foi exposta em um grupo de família. Essa pressão, não obstante, deve ser levada em conta, pois interferiu diretamente na revelação

Revelação para profissionais psicólogos

Dois participantes, Antônio e Francisco nunca revelaram sobre a experiência de VS para outras pessoas, somente para a pesquisadora, no ato da entrevista, e para uma psicóloga, uma vez. Francisco foi vitimizado por seu irmão mais velho. Seu irmão

morreu, e esse é um dos motivos pelos quais Francisco não se sente à vontade para falar sobre isso: o irmão não pode mais corroborar com a sua história, e ele também não quer que pensem que ele está tentando manchar a imagem de alguém que já se foi.

As pessoas podem até achar que você está mentindo, ou até, “pô, a pessoa, o cara morreu, o cara falando isso e tal”, pô, isso é sacanagem, entendeu? E superar, passou, página virada e, né, aconteceu, e trabalhar pra que não aconteça com outras pessoas dentro da própria família, né?

(Francisco, 32 anos, heterossexual, casado, agressor homem)

Este mesmo participante, na época da divulgação dessa pesquisa, insistiu com a pesquisadora acerca do sigilo, tentando entender como ele funcionava e se ele realmente estaria resguardado. De certa forma, o profissional de psicologia passa credibilidade quando enfatiza sobre os direitos do participante/do paciente no setting terapêutico. Em contraponto, a falta de despreparo profissional pode acabar com essa credibilidade, minando toda a vontade do sobrevivente de se abrir a respeito da VS.

No evento de falar pra Talita (psicóloga), eu não me senti acolhido ali, não me senti compreendido, sabe? Eu acho que isso também foi um dos fatores que me impediram de tentar desenvolver, de tentar acessar, de abordar.

(Antônio, 30 anos, psicólogo, solteiro, pansexual, agressor homem)

Se um profissional que é treinado em sua escuta, e deve se estar livre de todo tipo de preconceito e discriminação, como é fundamentado no Código de Ética (Resolução N° 010/2005), não é capaz de oferecer segurança para um sobrevivente de VS, dificilmente esse sobrevivente se sentirá à vontade para falar sobre isso com outras pessoas, em contextos que ele não está resguardado pelo sigilo, e poderá não ser acolhido. Por isso, reforça-se a urgência de que os profissionais psicólogos se capacitem para oferecer uma abordagem sensível e adequada às necessidades dos sobreviventes de VS (Rodrigues,

Rodrigues, Oliveira & Galvão, 2023), considerando que talvez esse profissional seja a primeira e a última pessoa com quem o sobrevivente vá quebrar o seu silêncio.

No que concerne ao tempo médio de revelação dos participantes desse estudo (11 participantes, tempo médio de 19,63 anos para fazer a revelação), está em consonância com o estudo comparativo de O'Leary e Barber (2008), que concluiu que o tempo médio que os homens levam para revelar sobre a VS é de 20 anos.

Silenciamento

Existem fatores que atuam na manutenção do silenciamento de sobreviventes de VS, especialmente do sexo masculino, e isso pôde ser visto na história dos participantes dessa pesquisa. A partir dessa categoria foi elencada duas subcategorias: 1) Manutenção do Silêncio e 2) Segredo familiar.

Manutenção do Silêncio

Primeiramente, a falta de conhecimento da criança sobre a natureza da interação é um dos motivos pelos quais ela pode se silenciar. Os agressores vão lançar mão de argumentos e atitudes que levem a criança a compreender as interações e a relação com o agressor como uma relação de confiança (Hohendorff & Patias, 2017). Por isso, se não tem nada de errado, não haveria por que contar. "Achar que não tinha nada errado" apareceu explicitamente na fala de Calos, Davi, Francisco e Mateus.

Ameaças e barganhas por parte do agressor são tentativas de manter a criança em silêncio. À vista disso, a pobreza se constitui como um fator de risco, pois as barganhas podem ser uma grande arma nas mãos do agressor, como era a condição de alguns participantes desse estudo. Apesar de fator de risco, a pobreza não é determinante para a ocorrência da VS, sendo a estrutura familiar e seu funcionamento fatores centrais na possibilidade de ocorrência deste tipo de violência (De Antoni et al., 2011). Além disso, meninos sobreviventes de VS tendem a ser mais desacreditados, tanto por suas famílias

(Cashmore & Shackel, 2014; Hohendorff, Habigzang, et al., 2017), como pelos serviços de proteção e pela sociedade (Cashmore & Shackel, 2014), o que corrobora com o silenciamento deles.

E hoje se eu falar uma situação dessa pra minha mãe ou pro meu pai, eles nunca vão acreditar, nunca vão falar assim, não, realmente acontecia ou não, não acontecia...

(Francisco, 32 anos, heterossexual, casado, agressor homem)

Assim, os homens sobreviventes, então, encontram em seu caminho diversos empecilhos à revelação, que podem fazê-los pensar se realmente vale a pena, se o custo da revelação será mais alto do que o do silenciamento.

Segredo Familiar

Uma característica importante, ao se tratar de VS intrafamiliar, é o Segredo Familiar (Santos, 2007). Neste estudo, todos os homens sofreram violência intrafamiliar, sendo o agressor alguém da família ou que tinha uma relação de confiança com a criança, a ponto de frequentar a sua residência. Porém, três participantes sofreram mais de uma violação. Das três violações sofridas por Carlos, uma foi intrafamiliar (irmã). Todas as três violações vividas por Mateus foram intrafamiliares (prima, amigo de sua mãe e amiga de sua mãe). Das duas violações sofridas por Ronaldo, uma foi intrafamiliar (sua babá). Assim, foram 16 as violações sofridas pelos participantes, sendo 13 intrafamiliares.

A VS de cunho intrafamiliar possui uma dinâmica própria, pois a família na qual ocorreu uma ou mais violências sexuais constitui um sistema fragilizado. O segredo traz uma falsa sensação de harmonia familiar, de que as coisas estão sob controle. A quebra desse segredo, então, levaria as figuras familiares a reavaliarem e assumir novos papéis nesse contexto, construindo novos limites (Santos, 2007), o que seria desafiador para todos.

Identificou-se que a instauração do Segredo Familiar entre padrasto e enteados (Pedro), entre pais e filhos (Caio), entre primos (Heitor, Mateus) e entre irmãos. Carlos, Davi, Francisco e Ronaldo compartilharam o segredo entre irmãos. Destes, o único que teve o Segredo quebrado foi Ronaldo. Um dia, em um grupo de *whatsapp* familiar, sua tia enviou a foto da agressora de Ronaldo, dizendo “vocês lembram dela?”. Nessa ocasião, o irmão de Ronaldo expôs para sua família que tanto ele como Ronaldo foram vitimizados por essa mulher. Nessa ocasião, o sobrevivente não teve alternativa a não ser revelar.

A revelação pode ser o início do caminho para a superação da violência, a depender das reações dos ouvintes (Hohendorff, Nelson-Gardell, Habigzang & Koller, 2017). Em alguns casos, ela pode trazer repercussões que o sobrevivente não enxerga que valem a pena, como a mudança de tratamento nas relações interpessoais. A quebra do segredo é uma decisão dolorosa, em que o sobrevivente não sabe se trará resultados que superem os custos.

Pedro, por exemplo, compartilhava o segredo com seu agressor (padrasto) e sua irmã (Anne), que também é uma sobrevivente. Em dado momento, ele quebrou o segredo para a mãe, pois ela ainda mantém um relacionamento com o agressor. Hoje, o segredo se mantém entre os quatro com o intuito de resguardar o membro mais novo da família, meio-irmão de Pedro, filho de sua mãe com o seu padrasto.

Aí foi quando eu desisti mais uma vez, sabe? De fazer a denúncia. Foi impossível disso acontecer, sabe? Eu acho que eu só conseguiria dizer isso abertamente quando ele morresse, sabe? (...) Que isso não puniria o meu irmão, por exemplo. Que, assim... Nada de ruim acontecesse com essa família, porque ele não está mais aqui, entendeu? (...) De mudar a imagem que ele tem do pai, né? Imagina você crescer sabendo que seu pai abusou sexualmente dos seus irmãos, sabe? (...) Mas

eu fico muito em infelicidade pra viver com isso, assim, de não ter feito mesmo a denúncia, de nada ter acontecido com ele.

(Pedro, 31 anos, homossexual, solteiro, agressor homem)

O Segredo Familiar, enquanto parece garantir a segurança de alguns membros da família (padrasto, meio-irmão), garante a infelicidade de outros (Pedro e sua irmã). Além da necessidade de resguardar seu meio-irmão, Pedro e Anne temem o que o agressor possa fazer, pois por um bom tempo ele infligia muitas agressões físicas a todos da família, principalmente sua mãe. O medo de ameaças por parte do agressor é algo que impede a notificação (a que Pedro se refere como denúncia). O silêncio corrói tanto o interior dos sobreviventes, que os seus relacionamentos passam a ser afetados.

O sobrevivente Caio, por um tempo, compartilhava o segredo somente com a sua irmã. Em certo momento, decidiu falar para o seu pai. Ele gostaria de ter contado para sua mãe anteriormente. Ela, todavia, desenvolveu esclerose múltipla. Esse segredo, então, é compartilhado pelos três: Caio, sua irmã e seu pai, e Caio não tem intenção de revelá-lo à sua mãe, porque não quer que isso a entristeça.

Enfim, conclui-se que os entrevistados que decidiram manter o Segredo Familiar, o fizeram objetivando o cuidado com a sua família, com seus irmãos e com seus pais, embora isso custe o seu próprio bem-estar. Por mais que a manutenção do segredo proporcione uma sensação de equilíbrio familiar ilusória (Santos, 2007), os sobreviventes enxergam o cenário de quebra do segredo como enigmático, arriscado e inseguro. Isso lhes faz avaliar que a realidade imediata talvez seja menos angustiante do que ser desacreditado pelas pessoas que amam, tendo suas narrativas descredibilizadas, por exemplo. O segredo, nesse contexto, serve como uma cápsula, que os protege de sofrer ainda mais.

Análise das Reações da Rede de Apoio

Para análise das reações da rede de apoio foram elencadas as seguintes categorias:

1) Estrutura familiar e reações da rede de apoio extensa, 2) Reações Parentais e 3) Notificação, Denúncia e Procedimentos Legais.

Estrutura familiar e reações da rede de apoio extensa

A estrutura e o funcionamento familiar são aspectos centrais na probabilidade de vivenciar uma violência sexual (De Antoni, Yunes, Habigzang & Koller, 2011). Foram identificados alguns fatores problemáticos nos contextos familiares dos entrevistados, especialmente em relação às figuras paternas, como: alcoolismo, violência física, infidelidade – com alta variabilidade de parceiras(os), a que a criança foi exposta (ou seja, outra espécie de VS), negligência, acesso sem pudor à conteúdos pornográficos, deixando a criança ter acesso indireto, dentre outros. Destaca-se, dentre os sobreviventes, o contexto familiar de Mateus, com um pai extremamente violento, que espancava seus filhos e sua esposa.

E, bem, eu cresci numa família de cinco pessoas, uma família praticamente mononuclear, né, porque minha mãe foi quem segurou as pontas durante quase toda a vida, né. Meu pai sempre foi muito ausente, muito violento, muito machista, meio misógino, de tudo, de mazelas, assim, que uma pessoa pode ter, meu pai tinha, né... Falso moralista, essas coisas todas, né. (...) Era muito violento, muito desproporcional, me causou ferimentos mesmo, sérios, durante as surras que ele me dava. Não era surra que me deixava, né, me deixava mal psicologicamente apenas, eram surras que me deixavam mal fisicamente, né, eu tive feridas no corpo com castigos que ele me infligiu.

(Mateus, 55 anos, heterossexual, divorciado, agressor homem e agressoras mulheres)

A existência de um pai que inflige tanta dor e castigo aos filhos pode causar neles a vontade de se ausentar de suas casas, deixando-os mais propícios a viver uma VS. Além disso, Mateus flagrou seu pai com uma prima sua, menor de idade, dentro de sua casa – outra situação de VS. Já Pedro, era violentado dentro de sua casa, e então vivia na rua para fugir desse contexto, o que o deixava vulnerável a outras formas de violência, ou até mesmo a outras situações de VS.

Dito isso, uma família desestruturada, com a presença de violência, negligência e fatores de risco variados, aponta não só para a maior vulnerabilidade à ocorrência de VS, mas para a falta de suporte e assistência caso essa violência aconteça. Foi notado, no caso de Mateus, que a vizinhança sabia de uma de suas violações, pois sua mãe um dia lhe disse que fizeram comentários ironizando e sugerindo que Mateus era homossexual.

Inclusive, algo que me apavorou foi que acho que aquele indivíduo chegou a comentar algo a respeito com os amigos dele, ali da época. Isso porque certa vez, minha mãe me contou que visitou uma conhecida dela que também era mãe de um desses rapazes e ele, já um homem velho, à época, de forma muito inconveniente, perguntou pra ela: “e o seu filho Mateus, como vai? Ele deixou de ser gay?”

(Mateus, 55 anos, heterossexual, divorciado, agressor homem e agressoras mulheres)

Ao invés de comunicar à família de Mateus, à época, o conhecido decidiu estigmatizá-lo. Em tese, a comunidade e a sociedade em geral, deveriam estar aliadas à família e ao Estado, em prol de proporcionar proteção às crianças e aos adolescentes. Se configurando como rede de proteção, deveriam ter o objetivo de deixá-los a salvo de toda violência, negligência e exploração (Brasil, 1990). Mateus, todavia, foi violentado e estigmatizado pelas pessoas dessa comunidade.

O menino sobrevivente parece nunca ser compreendido por ninguém, apenas por outros sobreviventes. Uma pesquisa documental, que analisou comentários na internet em notícias de VS cometida por mulheres contra meninos, deixou evidente como as pessoas podem ser preconceituosas com esses garotos (Lessa & Mayor, 2021). Embora as pesquisas mostrem que os questionamentos quanto à orientação sexual dos meninos seja uma consequência comum na VS cujo agressor foi um homem (Habigzang & Koller, 2012; Hohendorff, Habigzang & Koller, 2014; Sanderson, 2005), o menino que foi vitimizado por uma mulher, e denunciou, é considerado pelas pessoas um “viadinho” (Lessa & Mayor, 2021, p. 346).

A negligência em relação à VS começa em casa, quando não são oferecidas condições favoráveis para que a criança tenha um desenvolvimento saudável, e é reforçada pelas pessoas ao redor daquela família, que não enxergam a violência com a seriedade necessária. As pessoas mais compreensivas e acolhedoras, no entanto, foram as esposas e os(as) namorado(s) dos sobreviventes. Todos os que compartilharam as suas histórias de VS com os parceiros afirmaram terem sido acolhidos e respeitados por eles (Carlos, Davi, Fábio, Heitor, Pedro, Ronaldo e Tiago).

Reações Parentais

Ao saber sobre a VS, os pais dos sobreviventes reagiram de formas variadas. Foram identificados comportamentos/sentimentos como: agressividade, descrédito, auto culpabilização, apatia e indignação. A VS foi revelada/descoberta para/por três pais (Caio, Fábio e Tiago) e cinco mães (Fábio, Mateus, Pedro, Ronaldo e Tiago).

Com base nas reações identificadas, pôde-se compreender o impacto que o comportamento dos pais dos sobreviventes pôde causar em suas vidas. Um dos participantes, Fábio, relatou que o que ele considerou mais desafiador foi o comportamento de seu pai a respeito de sua vitimização. Em geral, a família e/ou o círculo

social pode desacreditar e culpabilizar a criança em seu relato, o que mantém o silenciamento (Hohendorff, Habigzang, et al., 2017; Hohendorff e Patias, 2017; Hohendorff, Nelson-Gardell, et al., 2017) e acarreta a Estigmatização da Vítima (Finkelhor & Browne, 1985). Neste caso, a mãe de Fábio flagrou o momento em que seu sobrinho estava tentando realizar a penetração nele. O pai, posteriormente, não acreditou no que ela disse, o que foi extremamente doloroso para Fábio, perceptivelmente ao longo de seu relato.

No dia um, primeiro não acreditou nela (na mãe de Fábio). Disse que ela estava inventando. E depois, passou, na mesma semana mandou ele ir embora (o primo de Fábio). Porque ela falou que se ele estivesse lá ainda, ela ia pegar as coisas comigo e ir embora. E mandou ele embora. Comprou a passagem e mandou ele embora. E é isso. Mas ficou aquela cena do meu pai. O que ele sempre fez a vida inteira comigo. Não sei por quê. Não sei explicar o porquê dessa atitude dele comigo. Mas eu sempre estive errado em tudo. Toda a minha adolescência, até hoje.

(Fábio, 31 anos, heterossexual, casado, agressor homem)

Nota-se, aqui, o poder da crença ou da descrença dos pais na vida de um sobrevivente de violência, pois o relato do sobrevivente menino tende a ser mais desacreditado por suas mães em relação ao relato de sobreviventes mulheres, as mães tendem a punir seus filhos homens pela ocorrência da VS (Hohendorff, Habigzang, et al., 2017). Essa tendência, todavia, foi observada no comportamento do pai de Fábio, enquanto a mãe agiu em função de protegê-lo.

Ser descredibilizado pelos responsáveis pode acarretar consequências negativas na vida do sobrevivente (Finkelhor & Browne, 1985; Hohendorff, Habigzang, et al., 2017; Hohendorff, Nelson-Gardell, et al., 2017), como fazê-lo mudar de narrativa (dizer que era

mentira, que não foi violentado) (Hohendorff, Habigzang, et al., 2017) e levá-lo a experimentar os sintomas psicológicos de medo, apatia e ansiedade (Finkelhor & Browne, 1985), isso considerando apenas as consequências a curto prazo.

A longo prazo, as sensações de abandono/desamparo e traição podem perdurar (Sanderson, 2005), prejudicando os relacionamentos dos homens sobreviventes. Esses sentimentos podem ser avassaladores ao ponto de minar a vontade do sobrevivente de se relacionar afetivamente, como é o caso de Pedro, que sempre sonhou em constituir família, mas hoje, esgotado pelos impactos da VS, não acha que será possível.

Não consigo falar, assim, sobre como foi isso hoje, mas óbvio que me roubou tudo, né? Me roubou, por exemplo, a oportunidade de ter o que eu sempre sonhei. Sempre foi meu sonho, desde pequeno, ter uma família, sabe? Uma família, filhos para poder cuidar, para ter um relacionamento saudável, mas... Eu não consigo manter isso. Assim, de fato, tem que entender que talvez isso não seja para mim.

(Pedro, 31 anos, homossexual, solteiro, agressor homem)

Pedro chegou a contar para sua mãe que seu padrasto o agredia sexualmente. Ela reagiu assumindo um novo padrão comportamental frente ao padrasto dele, seu marido: agressividade. Por causa disso, Pedro começou a temer que seu padrasto voltasse a violentá-la fisicamente, agora com mais crueldade, podendo acarretar sua morte. Apesar de nutrir raiva do agressor, a mãe manteve seu relacionamento, o que pode ter intensificado a sensação de desamparo de Pedro.

Outras pessoas reagiram com agressividade: o pai de Tiago e a mãe de Fábio. No que concerne à auto culpabilização, ela foi observada em duas das mães dos participantes.

Mas a respeito, eu só conversei com a minha mãe confirmando que tinha. Não entrei em detalhes, não me senti à vontade para falar isso com ela. E eu lembro que até ela pegou e falou que ela se sentia uma porcaria, coitada. Ela falou assim:

“nossa, como que eu permiti uma coisa dessa?” Vamos dizer assim, né? “E como que eu não vi?” Ela falou, falei, mãe, não se culpa, a senhora não tem problema nenhum, não culpa. E eu não culpo ela também.

(Ronaldo, 45 anos, heterossexual, casado, agressor homem e mulher)

Pontua-se, para mais, que a estrutura familiar e a condição socioeconômicas tiveram influência nas situações de VS supracitadas, pois as mães que sofriam agressão, e/ou que precisavam trabalhar para garantir o sustento da família, não conseguiram responder plenamente às necessidades de seus filhos, nem se atentar às circunstâncias que eles enfrentaram, por não terem condições psicológico-afetivas para isso, e/ou por não conseguirem estar presentes. A despeito disso e do próprio esforço, se sentiram culpadas.

No tocante ao gênero do agressor, foi identificada diferença nas reações dos pares. Ronaldo, por exemplo, contou para sua mãe sobre a vitimização quando foi exposta no grupo de *Whatsapp*. Por isso, sua mãe só soube que ele foi agredido sexualmente por uma mulher, não tendo conhecimento de sua outra vitimização (por homem). Já para a sua esposa, contou tudo, e não houve diferença nas reações dela.

A minha esposa não teve reação, assim, compreendeu, assim: “ah, não, tranquilo, se precisar de ajuda, eu vou estar aqui, junto com você”, e tal. Normal.

(Ronaldo, 45 anos, heterossexual, casado, agressor homem e mulher)

Mateus, em contrapartida, só contou para a mãe sobre a vitimização por agressor homem, mesmo tendo sido vitimizado por duas mulheres também. Deste modo, não foi possível conhecer a possibilidade de uma diferença nas reações caso essas mães soubessem de todas as vitimizações. Carlos contou sobre todas as vitimizações para a esposa, que não emitiu comportamento diferenciado em razão do gênero.

As reações emitidas pelos pais/companheiros(as) dos homens vitimizados somente por mulheres foram: apatia e acolhimento. As reações emitidas pelos

pais/companheiros(as) dos homens vitimizados pelos dois gêneros foram: acolhimento e auto culpabilização. As reações dos pais/companheiros(as) dos homens vitimizados por outros homens foram: agressividade, acolhimento e auto culpabilização. As diferenças evidenciadas, enfim, foram: a reação agressiva, emitida somente pelos pais e pelas mães dos homens vitimizados por outros homens, e a reação de apatia, emitida somente pelo pai de Caio, vitimizado apenas por mulher.

Notificação, Denúncia e Procedimentos Legais

Analisou-se que, a despeito de os pais/responsáveis dos sobreviventes terem descoberto a violência à época ou não, nenhuma medida judicial foi tomada. Mesmo que alguns pais tenham agido em função de interromper a violência (como o pai de Tiago e a mãe de Fábio), eles não tomaram nenhum posicionamento legal, e nenhum deles realizou a notificação.

Não se conhece os motivos que levaram os pais dos entrevistados a não notificarem, mas identifica-se a urgência do trabalho de conscientização de famílias e da sociedade sobre a importância da realização da notificação. Noções de papéis sociais e de gênero podem estar ligadas à opção de não denunciar (Hohendorff et al., 2012; Hohendorff et al., 2015; Kia-Keating et al., 2005), assim como a dificuldade de comprovar se ocorreu ou não a VS (Furniss, 1993). Além destes motivos, pode existir a crença de que já se passaram muitos anos após o ocorrido e, por isso, não há motivo para notificar ou denunciar. Não sendo feitas, não obstante, esse(a) agressor(a) poderá continuar vitimizando mais e mais crianças ou adolescentes (Hohendorff & Patias, 2017), o que pode ter acontecido nos casos analisados.

Destaca-se, igualmente, que não se tem conhecimento se algum profissional de saúde e/ou da educação percebeu que os sobreviventes desse estudo estavam passando por VS, pois não foram mencionadas notificações realizadas ou tentativas de contato dos

serviços de proteção à criança e ao adolescente. Crianças que sofrem VS emitem sinais e comportamentos que se evidenciam como consequências dessa violência, e os profissionais de saúde e educação devem estar a par de como essas consequências se apresentam, para que possam identificar e realizar a notificação, que é compulsória (Brasil, 1990). Parte dos homens entrevistados, porém, passaram anos sofrendo violência sem nenhuma interrupção, o que pode indicar que os profissionais que passaram por suas vidas não puderam perceber a possibilidade de ocorrência de VS, ou, se perceberam, decidiram não intervir.

Considerações finais

Observou-se, no presente estudo, que os homens sobreviventes de VS tendem a demorar muitos anos para realizar a revelação, e nem sempre sabem identificar se a revelação da violência lhes trará mais benefícios ou malefícios. Por ter passado muito tempo desde a ocorrência da(s) violência(s), quase todos os homens sequer mencionaram ter vontade ou intenção de tomar alguma medida legal em relação aos seus agressores, e quem mencionou, afirmou não acreditar que pudesse ter algum desfecho positivo para si.

Identificou-se algumas diferenças em relação ao gênero do agressor, tanto nas formas de revelação, como na reação dos pares à revelação. Nem todos os homens que sofreram VS pelos dois gêneros revelaram sobre a VS cometida por mulher, porém todos que sofreram VS somente por agressora mulher realizaram a revelação. Da mesma forma, as reações demonstradas pela rede de apoio foram diferentes em relação ao gênero do agressor: a estigmatização da vítima e a agressividade ocorreram especificamente nos casos em que o homem era o agressor, e a apatia apareceu somente em um dos casos em que a agressora era uma mulher. A ocorrência da autoculpabilização das mães dos sobreviventes não apresentou diferenças em relação ao gênero dos agressores.

Sugere-se a realização de pesquisas que se proponham a analisar as nuances da violência sexual infantil considerando o gênero do agressor, com uma amostra mais vasta de participantes tanto vitimizados por mulheres, como vitimizados pelos dois gêneros, para que seja possível identificar as semelhanças e diferenças nos diversos contextos de VS.

O desenvolvimento de projetos de conscientização sobre a necessidade da notificação e da denúncia é vital. Não só para que os sobreviventes de VS estejam a salvo de seu agressor, mas que não sejam feitos novos sobreviventes dessa violência, que é tão cara, todos os dias, a muitos(as) meninos e meninas, roubando-lhes não só sua infância, mas que, sem resolução, pode lhes roubar o seu futuro.

Referências

- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. São Paulo, SP: Edições 70.
- Brandão, V. B. G., Martins, A. M. A., & dos Reis Marques, J. N. (2019). Violência sexual infanto juvenil: uma análise sobre o agressor. *Humanidades (Montes Claros)*, 8(2).
- Brasil (1990). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. *Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente, e dá outras providências*. Brasília: Câmara dos deputados. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em 20 de maio de 2025.
- Cashmore, J., & Shackel, R. (2014). Gender differences in the context and consequences of child sexual abuse. *Current Issues in Criminal Justice*, 26(1), 75-104.
- Conceição, M. I. G., Costa, L. F., Penso, M. A., & Williams, L. C. D. A. (2020). Abuso sexual infantil masculino: sintomas, notificação e denúncia no restabelecimento da proteção. *Psicologia Clínica*, 32(1), 101-121.
- Conselho Federal de Psicologia (2005). *Código de Ética Profissional dos Psicólogos*, Resolução n.º 10/05, 2005.
- Costa, L. F., Ströher, L. M. C., & Wolff, L. D. S. (2023). Atendimento psicossocial à mulher que comete ofensa sexual. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 43, e248137.
- Cunha, G. C. F., de Lima, A. C. S., da Cunha Miranda, A. C., de Oliveira Carneiro, C. R., dos Santos, F. M., de Lima Leal, I. T., & de Nazaré Farias, L. (2023). Violência Sexual Infantil: a importância de incluir temas sociais na formação inicial docente. *Research, Society and Development*, 12(1), e3312138430-e3312138430.

- Davide, D. A. S. (2016). *Representações sociais do abuso sexual de crianças perpetrado por mulheres* (Doctoral dissertation, Universidade do Porto (Portugal)).
- De Antoni, C., Yunes, M. A. M., Habigzang, L., & Koller, S. H. (2011). Abuso sexual extrafamiliar: percepções das mães de vítimas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28, 97-106.
- Ferreira, D. G., Bortoli, M. C. D., Peixe-Machado, P., Saggese, G. S. R., & Veras, M. A. (2023). Violência sexual contra homens no Brasil: subnotificação, prevalência e fatores associados. *Revista de Saúde Pública*, 57, 23.
- Finkelhor, D. & Browne, A. (1985). The traumatic impact of child sexual abuse: A conceptualization. *American Journal of Orthopsychiatry*, 55, (4), 530-541.
- Fonseca, M. D. C. F., Setubal, C. B., & Costa, L. F. (2019). Adulto autor de violência sexual: Estudo exploratório de avaliação de risco de reincidência. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 12(2), 389-409.
- Furniss, T. (1993). *Abuso sexual da criança: Uma abordagem multidisciplinar*. (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Hardt, J. & Rutter, M. (2004). Validity of Adult Retrospective Reports of Adverse Childhood Experiences: Review of the Evidence, *Journal of Child Psychology and Psychiatry* 45, 260–73.
- Hohendorff, J. V., Costa, L. S., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2014). Documentary analysis of cases of sexual violence against boys reported in Porto Alegre. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 24, 187-196.
- Hohendorff, J. V., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2012). Violência sexual contra meninos: dados epidemiológicos, características e consequências. *Psicologia USP*, 23, 395-416.

- Hohendorff, J. V., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2014). *Violência sexual contra meninos: teoria e intervenção*. Juruá Editora.
- Hohendorff, J. V., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2017). "A boy, being a victim, nobody really buys that, you know?": Dynamics of sexual violence against boys. *Child Abuse & Neglect*, 70, 53-64.
- Hohendorff, J. V., & Patias, N. D. (2017). Violência sexual contra crianças e adolescentes: identificação, consequências e indicações de manejo. *Barbarói*, (49), 239-257. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.9474>
- Hohendorff, J. V., Nelson-Gardell, D., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2017). An integrative conceptual model for enhanced understanding of the dynamics of sexual violence against children. In D. D. Dell'Aglio & S. H. Koller (Eds.), *Vulnerable Children and Youth in Brazil* (pp. 77-88). Cham, Switzerland: Springer International Publishing.
- Hohendorff, J. V., Salvador-Silva, R., Andrade, R. D., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2014). Adaptação e avaliação de uma intervenção cognitivo-comportamental para meninos vítimas de violência sexual. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27, 424-433.
- Hohendorff, J. V., Santos, S. S. D., & Dell'Aglio, D. D. (2015). Estudo de caso sobre a revelação da violência sexual contra meninos. *Contextos Clínicos*, 8(1), 46-54.
- Kia-Keating, M., Grossman, F. K., Sorsoli, L., & Epstein, M. (2005). Containing and Resisting Masculinity: Narratives of Renegotiation Among Resilient Male Survivors of Childhood Sexual Abuse. *Psychology of Men & Masculinity*, 6(3), 169.
- Kristensen, C. H. (1996). *Abuso sexual em meninos*.

- Lessa, C. B., & Mayor, A. S. (2021). (Re) violências socialmente infligidas a meninos sexualmente abusados por mulheres. *Psicologia Revista*, 30(2), 332-362.
- Miranda, M. H. H., Fernandes, F. E. C. V., Melo, R. A. de., & Meireles, R. C. (2020). Violência sexual contra crianças e adolescentes: uma análise da prevalência e fatores associados. *Revista Da Escola De Enfermagem Da USP*, 54, e03633. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2019013303633>.
- O'Leary, P. J., & Barber, J. (2008). Gender differences in silencing following childhood sexual abuse. *Journal of child sexual abuse*, 17(2), 133-143.
- Oliveira, M. P. C. D. (2010). *Abuso sexual de meninos: estudo das conseqüências psicosssexuais na adolescência* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).
- Oliveira, L. R. G. de, Câmara, L. & Canavêz, F. (2021). Meninos não choram: estudo sobre um caso de abuso sexual infantil. *Desidades*, (29), 151-167.
- Passarela, C. D. F. T., Stroher, L. M. C., & Costa, L. F. (2019). As violências sofridas por mulheres que ofenderam sexualmente. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(64), 47-60.
- Pinho, A. A. (2023). *Mulheres agressoras sexuais de crianças: papéis de gênero nas decisões judiciais*. Leya.
- Platt, V. B., Back, I. D. C., Hauschild, D. B., & Guedert, J. M. (2018). Violência sexual contra crianças: autores, vítimas e conseqüências. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23, 1019-1031.
- Reis, D. C. dos, Barros, A. A. S. de, & Cavalcante, L. I. C. (2015). Agressor sexual de crianças e adolescentes: uma discussão sobre o gênero dos participantes na literatura. *Psicologia em Revista*, 21(2), 252-272.

Rodrigues, F. R. A., Rodrigues, C. M. L., de Oliveira, R. J., & Galvão, A. C. (2023)

Atuação de psicólogos no atendimento psicoterápico de homens vítimas de abuso sexual, In <https://revistamental.unipac.br/details/310>. Acesso em: 15 de abril de 2024.

Sanderson, C. (2005). *Abuso sexual em crianças: fortalecendo pais e professores para proteger crianças de abusos sexuais*. São Paulo: M. Books do Brasil.

Santos, S. S. dos (2007). *Mães de meninas que sofreram abuso sexual intrafamiliar: Reações maternas e multigeracionalidade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Santos, A. S. F., & Mesquita, A. C. C. (2019). O perfil do agressor sexual infantil: uma revisão bibliográfica. *Revista Educação, Psicologia e Interfaces*, 3(2), 85-100.

Sobrosa, L., & Kocourek, S. (2018). Violência sexual contra crianças e adolescentes: uma análise do perfil das vítimas e agressores. *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, 10(2). Spiegel, J. (2003). *Sexual abuse of males: The SAM model of theory and practice*. New York: Routledge.

Silva, P. A. D., Algeri, S., Silva, M. P. D., Corrêa, M. L., & Silveira, M. D. P. D. R. (2021). Perfil da violência sexual contra meninos, SINAN, 2009-2017, Brasil. *Research, society and development. São Paulo. Vol. 10, no. 2 (2021), e29910212509, 7 p.*

Teixeira-Filho, F. S., Rondini, C. A., Silva, J. M., & Araújo, M. V. (2013). Tipos e consequências da violência sexual sofrida por estudantes do interior paulista na infância e/ou adolescência. *Psicologia & Sociedade*, 25(1), 90–102.